

CADERNO DE RESUMOS

III POLYTROPIA

SEMINÁRIO DOS PÓS-GRADUANDOS EM FILOSOFIA
ANTIGA DO RIO DE JANEIRO

2022

CADERNO DE RESUMOS

III POLYTROPIA

2022

SUMÁRIO

Apresentação.....	p. 4
Agradecimentos.....	p. 5
1 - A distinção entre ser o mesmo problema e problemas diferentes em A.Po II. 15 <i>(Rafael Cavalcanti de Souza – UNICAMP)</i>	
<i>Modalidade de preferência: on-line.....</i>	<i>p. 6</i>
2 - Amor e Cuidado de Si: uma mensagem ética do Banquete para os nossos dias. <i>(Felipe Soares – UNICAP)</i>	
<i>Modalidade de preferência: on-line.....</i>	<i>p. 6</i>
3 - Ceticismos no de Natura Deorum <i>(Alexandre Svirsky– CEFET)</i>	
<i>Modalidade: presencial – disponibilizado por professor palestrante convidado....</i>	<i>p. 7</i>
4 - As implicações entre as aporias da Teoria das Ideias no Parmênides e as propriedades do Ser no poema de Parmênides <i>(Josias Israel Alves – PUC-Rio)</i>	
<i>Modalidade de preferência: presencial.....</i>	<i>p. 7</i>
5 - A interconexão teórica no estudo do movimento sublunar e supralunar no De motu animalium de Aristóteles <i>(Eraci Gonçalves – PPGF/UFRJ)</i>	
<i>Modalidade de preferência: presencial.....</i>	<i>p. 8</i>
6 - “A Deusa, com boa vontade, acolheu-me, e em sua mão minha mão direita tomou”: acerca da afetividade no Poema de Parmênides <i>(Bruno Fernandes Santos – UFF)</i>	
<i>Modalidade de preferência: presencial.....</i>	<i>p. 9</i>
7 - Notas preliminares ao estudo de uma metáfora: a imagem do “festim dos discursos” em Platão. <i>(Julia Guerreiro – PUC-Rio)</i>	
<i>Modalidade de preferência: presencial</i>	<i>p. 10</i>
8 - O lamento do Ajax. Notas sobre a condição humana atual a partir da psicanálise aplicada ao mito. <i>(Juan Sarmiento – UnB)</i>	
<i>Modalidade de preferência: on-line</i>	<i>p. 11</i>
9 - “Filosofia moral moderna” e a justiça das instituições: a recepção de Aristóteles por Elizabeth Anscombe em “Modern moral philosophy” (1958) <i>(Martin Magnus Petiz - USP)</i>	
<i>Modalidade de preferência: on-line</i>	<i>p. 11</i>
10- O não-ser absoluto no Sofista, 237b7-239c8 <i>(Bárbara Helena de Oliveira Santos– UNICAMP)</i>	
<i>Modalidade de preferência: on-line</i>	<i>p. 13</i>
11- Sócrates contra o Minotauro: um herói para a Academia <i>(Leonardo Guimarães da Costa - UnB)</i>	

<i>Modalidade de preferência: on-line</i>	p. 13
12- As obscuras fronteiras conceituais entre desejo (ὄρεξις) e emoção (πάθος) na filosofia de Aristóteles (João Gabriel Borges Ribeiro – USP)	
<i>Modalidade de preferência: presencial</i>	p. 14.
13 - Separação e unidade das virtudes nas Leis de Platão (Izabella Tavares Simões Estelita – PUC-Rio)	
<i>Modalidade de preferência: on-line</i>	p. 15
14 - Platão e a sintaxe da existência (Priscila Alba da Silva – PUC-Rio)	
<i>Modalidade de preferência: presencial</i>	p. 16
15 - A figura do impostor cômico no Hípias Maior (Beatriz Saar – PPGLM/UFRJ)	
<i>Modalidade de preferência: presencial</i>	p. 16
16 - Leônicio e o apetite pelo lamentoso: uma leitura "gore" da tripartição da alma em República IV (Flora Mangini – PUC-Rio/Sorbonne)	
<i>Modalidade de preferência: presencial</i>	p. 17
17 - Reflexões sobre eirōneía literária e a ironia filosófica de Platão. (Diego Dantas – PUC-Rio)	
<i>Modalidade de preferência: presencial</i>	p. 18
18 - A matriz cósmica: Um paradigma matemático no Timeu de Platão. (Lorena Ferreira dos Santos – UnB)	
<i>Modalidade de preferência: on-line</i>	p. 19
19 - Aristóteles e a Matemática do Tempo (Gabriel Moraes Dias de Souza – PUC-Rio)	
<i>Modalidade de preferência: presencial</i>	p. 19
20 - A quem cabe o exame do monismo eleata em Física. I? (Bruno Thiago Ramirez Cervo – PPGLM/UFRJ)	
<i>Modalidade de preferência: on-line</i>	p. 20
21 - Sobre a amizade em Homero (Rhuan Quissak Félix – UFRRJ)	
<i>Modalidade de preferência: presencial</i>	p. 20
22 - O Problema da Unidade do Princípio: o Uno em Plotino frente às Aporias das Relações de Causalidade no Parmênides de Platão (Deysielle Chagas – PUC-Rio)	
<i>Modalidade de preferência: on-line</i>	p. 21
23 - A percepção da luz (φῶς) e da noite (νύκτος) no poema de Parmênides (Viviane Veloso – PPGF/UFRJ)	
<i>Modalidade de preferência: presencial</i>	p. 21
24 - Escrevo, porque esqueço de quem somos: autoconhecimento e escrita em Platão, por Derrida (Felipe Ayres – PPGLM/UFRJ)	
<i>Modalidade de preferência: presencial</i>	p. 22
25 - A leitura de Thomas Alexander Szlezák sobre a crítica da escrita no Fedro (Pedro Gabriel Rezende – UERJ)	
<i>Modalidade de preferência: presencial</i>	p. 23

APRESENTAÇÃO

πολύτροπος , ov. much-turned, i.e. much-travelled, much-wandering, epith. of Odysseus; turning many ways: metaph., shifty, versatile, wily, of Hermes. (Liddell & Scott. A Greek-English Lexicon). Polytropia, modo de ser que qualifica os dois grandes cariocas avant la lettre da Antiguidade, Odisseu e Hermes, foi o título escolhido para nomear um grupo que se originou de uma espontânea manifestação discente de pós-graduandos dedicados ao estudo da Filosofia Antiga no Estado do Rio de Janeiro. A comissão organizadora do grupo conta com representantes das pós-graduações em Filosofia do Estado do Rio, a saber: UFRJ (PPGF e PPGLM), UFRRJ, UFF, UERJ, CEFET-RJ e PUC-Rio. O objetivo do grupo é muito simples: consolidar uma tradição de organização de seminários para que os pós-graduandos do Rio de Janeiro que estudam Filosofia Antiga, mas também de outras universidades de fora do Estado, possam apresentar e compartilhar os frutos de suas pesquisas com seus colegas e professores. Outra aspiração do evento é a de que ocorra anualmente, sendo que cada uma das suas edições sucederá em uma universidade participante diferente. Convidamos toda a comunidade acadêmica a participar, prestigiar e divulgar o III Seminário de Filosofia Antiga dos Pós-Graduandos do Rio de Janeiro – Polytropia, que acontecerá entre os dias 26 e 30 de setembro, no modelo híbrido: na UERJ e através da plataforma virtual Zoom.

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer todos os inscritos no evento e todos os pósgraduandos que submeteram suas propostas de comunicação, bem como os professores palestrantes por terem aceito o convite. Agradecemos também as coordenações dos Programas de Pós-graduação em Filosofia das universidades do Rio de Janeiro pelo suporte para organização do II Polytropia.

CADERNO DE RESUMOS

III POLYTROPIA

2022

1 - A distinção entre ser o mesmo problema e problemas diferentes em A.Po II. 15

(Rafael Cavalcanti de Souza – UNICAMP)

Modalidade de preferência: on-line

Aristóteles em A.Po II. 15, 98a24-34 brevemente expõe a distinção entre quando problemas científicos poderem ser reduzido a um mesmo problema e quando os problemas são realmente distintos. De modo geral, este capítulo não é muito debatido pela literatura secundária e, quando é abordado, os comentários são breves e relatam que seja um capítulo difícil (BARNES, 1993, p. 251). De tal modo, pretendo contribuir ao debate expondo: (i) uma interpretação sobre a qualificação problemas e (ii) defender que a tese aristotélica deste capítulo equivale ao processo de redução de problemas na geometria grega. Sobre (i), sustento que diferente da quantificação de uma proposição, em que a proposição é qualificada como universal quando todo sujeito S possui o predicado P, um problema é universal quando toda instância do predicado P ocorre no sujeito S. Acerca de (ii) defendo que a tese de Aristóteles correspondo ao procedimento descrito por Proclo em Comentário ao Primeiro Livro dos Elementos de Euclides 212. 24- 213. 11.

Palavras-chave: Aristóteles, Problemas científicos, geometria, redução.

2 - AMOR E CUIDADO DE SI: uma mensagem ética do Banquete para os nossos dias.

(Felipe Soares – UNICAP)

Modalidade de preferência: on-line

A noção de cuidado de si é, na história da Filosofia antiga, uma máxima sempre presente, e encontra no Sócrates do Banquete de Platão, o ponto mais alto de sua noção filosófica. Mais que uma máxima, cuidar de si era uma espécie de Ética que norteava as relações na antiguidade, fazendo parte do panorama educativo e é claro, filosófico daquela época. O tema do amor (Erôs), por sua vez, certamente é um conceito fundamental para o entendimento da Filosofia platônica e, no Banquete, ocupa posição privilegiada por representar um importante manual descritivo sobre a preocupação do homem antigo com o poderio de Erôs e ao mesmo tempo, por revelar a sua potencialidade para a prática filosófica propriamente dita. O Banquete é uma elaboração dramática e literária da qual não se pode desprezar o contexto histórico, social e todo o conjunto de elementos que preparam as diversas cenas do diálogo. O objetivo de nosso trabalho é demonstrar como Platão, pelo viés da erótica no Banquete, exorta dialeticamente, a superação das formas de amar desvinculadas de um apreço da razão, noutras palavras, de um amor sem racionalização. Apesar de não ser o tema central do diálogo, a noção de

cuidado de si pode ser lida no Banquete pela relação ora implícita, ora explícita, que pode ser estabelecida na leitura de três pontos ou situações do texto que nos permitem também uma reflexão sobre o amor no mundo contemporâneo: em primeiro lugar, pelas lacunas nas definições de amor que precedem a fala da personagem Sócrates e que de algum modo coincidem com concepções de hoje sobre o amor; em segundo lugar, no discurso de Sócrates- Diotima e pelo seu conteúdo filosófico que retira Erôs de seu potencial apenas negativo e atribui-lhe um caráter filosófico; e por fim, pela relação Sócrates-Alcibíades, que explana a ausência da relação de cuidado pela fala e comportamento de Alcibíades, situação que também se faz presente de algum modo em alguns relacionamentos amorosos do mundo de hoje. Descartando a possibilidade de um anacronismo, e, pelo contrário, crendo que a Filosofia se faz pela construção e debate perene de assuntos, queremos demonstrar para além da linha cronológica, a relevância do tema do amor e de suas ciladas ditas no Banquete; ao mesmo tempo, propor que para lidar com o amor é necessário um certo modo ou certa preocupação que a nosso ver pode se dar pelo resgate da noção própria época, e portanto, pelo cuidado de si como mensagem que podem de algum modo iluminar, dialeticamente, nossa reflexão sobre o amor no mundo contemporâneo. A partir dessa análise, propomos uma leitura e discussão do Banquete levando em consideração a preocupação do diálogo com a noção de cuidado de si para o homem daquela época. Essa discussão pode ainda hoje nos trazer importantes reflexões sobre as formas de amar observadas nos relacionamentos de nosso tempo atual, sobretudo, diante da fragilidade com a qual o amor se depara no mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Eros, Cuidado de si, Excelência, Amor

3 - Ceticismos no de Natura Deorum

(Alexandre Svirsky– CEFET)

Modalidade: presencial – disponibilizado por professor palestrante convidado

O interesse filosófico pelo orador, estadista e filósofo romano Marco Túlio Cícero (106 – 43 a.C.) tem aumentado consideravelmente nas últimas décadas, sendo o nosso foco de atenção a especial relevância desse autor para a tradição cética. Além de sua obra consistir em uma das principais fontes textuais do ceticismo antigo, há uma debate intenso na literatura especializada sobre a natureza do próprio ceticismo ciceroniano. Nosso objetivo é apresentar algumas das diversas facetas do ceticismo em de Natura Deorum e apontar caminhos para interpretá-lo.

4 - As implicações entre as aporias da Teoria das Ideias no Parmênides e as propriedades do Ser no poema de Parmênides

(Josias Israel Alves – PUC-Rio)

Modalidade de preferência: presencial

O presente trabalho tem por finalidade investigar possíveis pressupostos da Teoria das Ideias vinculados com as teses sobre o Ser estabelecidas no poema de Parmênides. Mais especificamente, visamos examinar quais são as relações entre as aporias da Teoria das Ideias expostas no diálogo Parmênides e as propriedades do Ser deduzidas naquele que se reconhece como fragmento 8 do poema de Parmênides. A partir da leitura de David Ross e Francis Cornford, visamos compreender, de modo mais aprofundado, como se dá o desenvolvimento da

Teoria das Ideias, nos diálogos em que tal teoria aparece no seu modelo mais tradicional, até seu momento crítico no Parmênides. Durante o percurso de tal análise, buscaremos explicitar, em especial, quais são os aspectos fundamentais que constituem a natureza da Ideia e que estão a ela associados nos diálogos de ‘maturidade’, nos detendo detalhadamente, para os fins deste texto, ao Fédon, ao Banquete, à República e ao Fedro e, ainda, mostrando como seria possível enxergar um certo parentesco entre estes aspectos associados à Ideia e ao Ser parmenídico. Para enfrentar as questões colocadas acima, examinamos, no primeiro momento, as teses sobre o Ser estabelecidas por Parmênides, bem como o estabelecimento de seus fragmentos. Tendo como objetivo, sobretudo, examinar o fragmento 8, no qual se enumeram as propriedades (semata) sobre o Ser, destacando como é possível depreender dos atributos lá mencionados características aparentadas à Ideia. Em seguida, dedicamo-nos à análise do desenvolvimento da Teoria das Ideias ao longo de determinados diálogos de Platão à luz do comentário de David Ross, passando pelos diálogos de juventude até aqueles reconhecidos como os de maturidade, buscando analisar os termos associados ao termo eidos e, em seguida, destacando como os termos associados a esse termo denotam três aspectos fundamentais: unidade, identidade e imutabilidade. Então, nos dedicamos a examinar o momento crítico a teoria de Platão presente no diálogo Parmênides, mais precisamente, analisando as chamadas “aporias da participação”, nas quais a relação entre as Ideias e as entidades sensíveis é problematizada. E ao final do presente trabalho, na conclusão, procuramos expor as relações entre a crítica à Teoria das Ideias do Parmênides com os atributos do Ser nomeados no fragmento 8 do poema de Parmênides.

Palavras-chave: Ser. Ideia. Participação. Aporias.

5 - A interconexão teórica no estudo do movimento sublunar e supralunar no *De motu animalium* de Aristóteles

(Eraci Gonçalves – PPGF/UFRJ)

Modalidade de preferência: presencial

A pesquisa presente se propõe a refletir sobre o problema maior da filosofia da natureza em Aristóteles de estabelecer uma teoria do movimento autônomo dos animais – cuja natureza é ter um princípio interno de movimento e de repouso – no contexto maior de uma Natureza fortemente unificada pela primazia do primeiro motor cósmico, o que parece requerer marcadores teóricos no estudo do movimento que estabeleçam interconexões entre os planos sublunar e supralunar. Da perspectiva do contexto analógico desenvolvido metodologicamente no *De motu animalium* (DMA), visamos especificamente a compreensão do uso heurístico dos modelos na primeira parte do tratado, sobretudo a sequência dos cap. 3-5. Para alguns intérpretes, a série de modelos cosmológicos e zoológicos aí desenvolvidos constitui uma digressão que interrompe a investigação sobre a automotricidade animada no terreno psicológico e biológico dos animais sublunares, iniciada nos cap. 1-2 e somente retomada no cap. 6. Se por outro lado, considera-se a sequência dos cap. 3-5 como partes autênticas do tratado, poder-se-ia aventar suas indagações como indicadoras de um âmbito bem mais vasto de investigação. Como método de trabalho fazemos primeiramente um levantamento das analogias da primeira parte do tratado (cap. 1-5); depois, identificamos os termos que cumprem as funções de tema e de foro nas analogias. Na

operacionalização de nosso objetivo nos servimos da classificação das analogias do DMA que nos é dada por Bénatouil (2004): 1º tipo - analogias estruturantes, 2º tipo - modelos heurísticos de movimento (modelos: anatômico, geométrico, mitológico, técnico, silogístico e político); e das duas categorias do discurso analógico de Perelman (1970): tema - o conjunto de termos sobre os quais recai a conclusão do raciocínio, e foro - o conjunto de termos que servem a elucidar o tema. Supondo que a aplicação do método analógico no *De motu animalium* seja bem-sucedida, nossa análise do uso heurístico dos modelos deve ilustrar as interfaces de uma problemática tipicamente aventada pelo estudo do movimento em Aristóteles e mostrar a interconexão teórica estabelecida pelo estudo do movimento nos mundos sublunar e supralunar, explorando a ideia, como sugerida por Laks (2020, p. 476) que falar sobre o universo não é necessariamente, do ponto de vista de Aristóteles, afastar-se do assunto do movimento animal, pois, a ideia de que o céu e os corpos celestes são seres vivos, entre outros, não lhe é de todo estranha.

6 - “A Deusa, com boa vontade, acolheu-me, e em sua mão minha mão direita tomou”: acerca da afetividade no Poema de Parmênides

(Bruno Fernandes Santos – UFF)

Modalidade de preferência: presencial

O Poema de Parmênides inicia-se relatando a viagem de um jovem neófito que nada sabe e deseja ser instruído pelas rotas de investigação que o levarão ao conhecimento de tudo; tanto da verdade, como das opiniões. É somente ao ser iniciado nessas vias, que ele, ao fim de sua peregrinação intelectual-afetiva, poderá conhecer esse todo. Seu percurso, por sua vez, é sobejamente religioso, na medida em que por todos os locais pelos quais ele é levado, deparemos uma série de divindades femininas permeando seus caminhos. Há, da perspectiva do divino, algo de muito valioso nessas figuras religiosas-iniciáticas que lhes são apresentadas: todas elas mais do que configurar, conformam e dão forma à sua iniciação, permitindo que ele se sinta afetivamente preparado para aprender os conteúdos pertencentes ao domínio da verdade, e também o das opiniões dos mortais, cujo conteúdo é equivocado, frenético e errante. Desde o início da obra, no que canonicamente convencionou-se a chamar de proêmio, os versos da poesia parmenídea revelam uma atmosfera afetiva: são éguas que o conduzem (B1, 1); são divindades femininas que guiam o homem que sabe pela via multíloqua (B1, 2-3); são as Heliades que persuadem Dike a abrir os portais que o levarão à Deusa inominada (B1, 15-16); e enfim, a própria Deusa sem nome o recebe com muita afabilidade, em B1, 22-23. Há o toque, o contato tátil da mão dele com a dela, que constroi o ambiente sentimental que simboliza o desejo da Deusa de admoestar aquele que nada sabe, mas que deixará de ser superado em perspectiva (B8, 61) assim que aprender acerca dos únicos caminhos de investigação existentes nos fragmentos de sua poesia. A Divindade, através e a partir desses gestos sensíveis, ensina que a verdade é possível somente como reflexão abstrata, ao passo que as opiniões são inevitáveis e a tudo perpassam (B1, 30-31). Assim, ver-se-á que sem essa ambientação na ordem do sentimento, que conecta o iniciado à iniciadora, humano ao divino, ele, ou seja, o aprendiz, jamais tocaria o inabalável coração da verdade persuasiva (B1, 28), tampouco as opiniões inevitáveis, plurais e equivocadas dos mortais. Portanto, essa apresentação concentrar-se-á (i) sobre

alguns versos do proêmio da obra, enfatizando os gestos religiosos, iniciáticos e afetivos que matizam a iniciação do aprendiz; (ii) exposição das rotas de investigação pelas quais ele será levado; e (iii) exposição dos conteúdos subjacentes às opiniões, que compreendem a última parte da poesia parmenídea. *Palavras-chave*: afetividade; Parmênides; poesia; proêmio; religião grega.

7 - Notas preliminares ao estudo de uma metáfora: a imagem do “festim dos discursos” em Platão.

(Julia Guerreiro – PUC-Rio)

Modalidade de preferência: presencial

O trabalho se pretende uma exposição dos resultados preliminares de uma investigação do corpus platônico que buscou mapear a metáfora do discurso como comida a partir de sua apresentação cristalizada na imagem do “festim de discursos”. Esta noção aparece em Górgias (447a), Fedro (227b, 236e), Leis (I.649a), Lísias (211c), República (I.352b, 354a-b, IX.571d8) e Timeu (27b) – e no Banquete, que, não seria insensato dizer, é sua dramatização. Romeri (2002, p. 50) a define como o uso da “imagem da festa suntuosa e elegante para designar longos discursos feitos por um erudito diante de um público”, que os consome. Ela também pode ser identificada em outras formas e outros diálogos, como fome de ensinamentos (μαθημάτων πείνην, Filebo, 52a2) ou discursos (Fedro, 230d); um degustar (γευσθαι) ou um preenchimento (πλησμονή) por discursos (Alcíbiades I, 114a7; Banquete, 185c; Filebo, 15d-e; Lísias, 206a4; Político, 286a; Teeteto, 157c-d); ou, ainda, uma produção ou venda de discursos análogas à culinária e/ou comércio (Fedro, 265e; Górgias, 494b-466a; Protágoras, 314a-b; Sofista, 223e-224a). A apresentação se dividiria em duas partes: a primeira exporia um breve histórico da imagem do discurso como fluxo gustativo na literatura grega (Homero, Hesíodo, Píndaro, Arquíloco, Aristófanes; cf. HITCH, 2018; STEINER, 2002; WORMAN, 2008). Dois principais usos se destacam: 1. descrição da performance poética e 2. censura de comportamentos orais vulgares. Subjaz a ambos a noção de que há uma equivalência qualitativa entre o fluxo que entra (alimento) e o fluxo que sai (discurso) (cf. Timeu, 75d-e), apoiada no compartilhamento da boca como locus privilegiado de emissão e, de modo metonímico, de recepção. Na segunda parte da apresentação o foco se voltaria para Platão, via seu intertexto com a comédia. Dado que o filósofo recorre amplamente ao “festim de discursos” em diferentes modalidades, tons, e intensidades, o trabalho tomaria como linha mestra o seu uso crítico contra “sofistas” e oradores a partir de três elaborações diferentes no Górgias: o “festim” (ἑορτή) oferecido por Górgias que Sócrates perdeu (447a-b); a analogia entre retórica e culinária (494b-466a); e a crítica dos ídolos políticos de Cálicles (518b-e), onde Sócrates retoma explicitamente “a mesma imagem” (διὰ τῶν αὐτῶν εἰκόνων, 517d). Através destas será possível recorrer a exemplos de outros diálogos para fins de comparação.

Bibliografia:

HITCH, S. Tastes of Greek poetry: from Homer to Aristophanes. In: RUDOLPH, K. C. (Ed.) Taste and the Ancient Senses. London; New York: Routledge, 2018. Capítulo 1, pp. 22-44.

ROMERI, L. Philosophes entre mots et mets. Plutarque, Lucien et Athénée autour de la table de Platon. Grenoble: Éditions Jérôme Millon, 2002.

STEINER, D. Indecorous dining, indecorous speech: Pindar's First Olympian and the poetics of consumption. *Arethusa*, v. 35, n. 2, pp. 297-314, 2002.

WORMAN, N. *Abusive Mouths in Classical Athens*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

8 - O lamento do Ajax. Notas sobre a condição humana atual a partir da psicanálise aplicada ao mito.

(Juan Sarmiento – UnB)

Modalidade de preferência: on-line

A presente pesquisa, que se baseia no método de bibliográfica documental de pesquisa, tem como objetivo fazer uma leitura do mito de Ajax a partir das ferramentas da teoria psicanalítica a fim de demonstrar que tal personagem representa um complexo, em termos psicanalíticos, que pode ser encontrado em o sujeito neoliberal contemporâneo: o homo oeconomicus. Desta forma, para atingir este objetivo, pretende-se criar um perfil do Ajax, para que seu mito possa ser compreendido a partir de um panorama completo, daí, principalmente, a *Iliada*, a *Odisseia*, o Ajax (a tragédia), e a obra de Ovídio em sua *Metamorfoses*, para que seja possível deslumbrar um panorama completo do mito de Ajax. Agora, com base nessa ideia, a pesquisa aqui apresentada se divide em três momentos: o primeiro, que busca expor, a partir da *Iliada*, a forma como o Ajax tem um reflexo direto do homo oeconomicus contemporâneo; a segunda, que retoma a tragédia de Sófocles que leva o mesmo nome do herói para entender como é que o tipo de sofrimento que Ajax passa tem semelhança com o que o próprio empresário passa; por fim, o terceiro momento que expõe o modo como, a partir da leitura feita por Homero na *Odisseia* e Ovídio na *Metamorfose*, o ser humano deve tomar uma decisão ao se encontrar em um dilema existencial. Tudo isso, a partir de recorrer às ferramentas conceituais da psicanálise como diretriz para traçar a ideia do complexo Ajax, que se propõe como forma de descrever, explicar e compreender o sujeito neoliberal contemporâneo a partir da mitologia. Assim, esta pesquisa retoma a tese de Freud de que a psicanálise pode lançar uma nova luz sobre as pesquisas sobre a mitologia e utilizá-la para compreender o inconsciente (seus complexos). Dessa forma, o mito torna-se objeto de interesse para a psicanálise, que, no processo, acaba por lançar luz sobre problemas contemporâneos a partir de narrativas antigas, demonstrando a relevância dos mitos, neste caso ocidental, no contexto atual e na forma como que estes revelam, quando complementados com a psicanálise, as sombras dentro da alma humana.

Palavras-chave: Mitologia, Saúde mental, Psicologia, Neoliberalismo.

9 - “Filosofia moral moderna” e a justiça das instituições: a recepção de Aristóteles por Elizabeth Anscombe em “Modern moral philosophy” (1958)

(Martin Magnus Petiz - USP)

Modalidade de preferência: on-line

A filosofia política recobrou o seu interesse pelo tema da justificação das instituições políticas, em grande medida, a partir da obra de John Rawls (1921-2002). Nada obstante, na década de 1950, praticamente no mesmo período em que Rawls

escrevia os seus primeiros artigos sobre a sua teoria da justiça, Elizabeth Anscombe (1919-2001) publicou “Modern moral philosophy” (MMP). Em MMP, Anscombe propôs que o vocábulo “moral”, da forma como concebida pelos filósofos modernos desde Sidgwick, não possui conteúdo algum e deveria ser descartado, uma vez que se funda na ética Cristã. Esse sentido de “moralidade” se basearia na existência de um legislador divino que emite comandos, gerando os deveres morais. No lugar do termo, Anscombe propõe o vocábulo “injusto” para avaliar as nossas ações e práticas. Anscombe não discute com Rawls, mas oferece argumentos contra a deontologia kantiana. Na sua visão, a “filosofia moral moderna” concebeu três possibilidades para a questão: ou existe uma realidade moral transcendental que justifica os deveres morais, os quais são independentes das nossas práticas e da nossa natureza – a deontologia; ou devemos justificar as instituições em cálculos de utilidade geral – o utilitarismo; ou só nos resta o ceticismo, sob alguma forma de relativismo moral ou convencionalismo. O que nos faz respeitar as instituições, então? Ao tratar de instituições tipicamente reconhecidas pelo Direito, como a promessa e a proibição do homicídio, Anscombe afirma ao longo da sua obra que elas são necessárias, mesmo que não haja leis as prevendo. Mas o termo “necessidade” não é usado em um sentido causal, como “lei moral” que emite comandos. Elas são necessárias em um sentido aristotélico, ela afirma. O presente trabalho busca, portanto, entender o que Anscombe quer dizer com isso por meio do resgate da obra de Aristóteles, ao lado da análise da sua recepção na obra de Anscombe, em especial no seu artigo MMP. Propõe-se a hipótese de que Anscombe revive a ética das virtudes de um modo peculiar – “não-moderno” –, uma vez que não admite, com isso, uma “realidade moral transcendental”, capaz de formar uma “lei natural” que vincule a todos, em todos os tempos da história humana. Isso seria conferir a certos preceitos o caráter “moral” no sentido moderno de uma “obrigação especial” atribuída por meio de um comando, o que não faz sentido sem a ética Cristã. Ao mesmo tempo, isso não quer dizer que Anscombe rejeite que haja certos preceitos “morais” em sentido amplo que possuem força normativa decisiva a ponto de justificar e permitir a crítica das nossas instituições objetivamente. Mas esses preceitos se baseiam em aspectos da nossa natureza humana e do mundo ao nosso redor – nesse sentido, criamos e respeitamos a instituição da promessa porque ela é boa para o meu desenvolvimento e para o desenvolvimento dos demais com os quais faço acordos; nos obrigamos porque a promessa é uma instituição justa. O trabalho terá a seguinte estrutura: em uma primeira parte, serão apresentadas as principais teses de MMP; após, serão identificados os alvos das teses de Anscombe; por fim, serão direcionadas as críticas de Anscombe à tese da posição original de John Rawls e ao convencionalismo cético de David Hume para fins de testar a sua tese. Com isso, acredita-se poder mostrar que importantes teorias do Direito da atualidade se fundamentam na concepção moderna de “moralidade” que Anscombe propõe refutar em MMP, e que suas principais falhas residem em uma má compreensão do próprio fenômeno da ética. A resolução desse problema prático está, na sua obra, na retomada dos conceitos antigos de Eudaimonia e virtude em Aristóteles.

Palavras-chave: Elizabeth Anscombe; Modern moral philosophy; ética das virtudes; Teoria da Justiça; Teoria do Direito.

10- O não-ser absoluto no Sofista, 237b7-239c8

(Bárbara Helena de Oliveira Santos– UNICAMP)

Modalidade de preferência: on-line

No diálogo intitulado Sofista, Platão dedica-se especialmente à definição da natureza do sofista e sua técnica. O sofista tem aparência de possuir certas habilidades e técnicas que, na verdade, o faltam. Se revelando, assim, como um “artista do engano” (Sof. 268c-d), que produz uma falsa aparência de sabedoria, criando uma falsa crença do seu próprio saber através de declarações falsas. Contudo, apoiado na ontologia parmenídica, o sofista objetaria que é impossível pensar ou declarar aquilo que não é, o que implica na impossibilidade do discurso falso, uma vez que se se é impossível pensar ou dizer o não-ser, então, é impossível que haja ou que se faça um discurso falso. O que nos leva ao problema a ser tratado por nós nessa comunicação: o não-ser parmenídico. Em seu poema Da Natureza, Parmênides afirma haver apenas dois caminhos de investigação: o do ser e o do não-ser. O único caminho possível ao conhecimento é o do ser, pois ele acompanha a realidade das coisas no mundo, enquanto o não-ser é um caminho incognoscível e indizível, pois não diz respeito a realidade das coisas no mundo. Parmênides trata o não-ser como uma não-existência em absoluto, como o contrário de ser. Nesse sentido, o falso seria o não-ser daquilo que é verdadeiro, e a aparência seria o não-ser de um estado de coisas. O não-ser parmenídico é um refúgio aos sofistas visto que caracterizar o sofista como um produtor de falsas aparências seria paradoxal, porque tal caracterização implicaria em dizer que o não-ser é. Nesta comunicação, alegarei que Platão não exclui o sentido existencial ou a possibilidade do não-ser significar não-existência, nesse sentido, esse não-ser (aporético e absoluto) é o não-ser do qual falava Parmênides em Da Natureza, uma “Nadidade Pura”, um “Nada absoluto”, que assim sendo não é possível ser tema do logos porque não aceita ou carrega nenhum atributo ou propriedade. Esse não-ser absoluto não se mistura com o ser e é o contrário de ser. Acredito que aqui, nessa seção 237b7-239c8, Platão não está negando esse não-ser parmenídico, que pode ser entendido como contrário do ser, i.e., como o que não existe. O que Platão faz é ir além de Parmênides, estendendo a pesquisa a um campo bem mais vasto, na justa medida em que mostra o paradoxo do não-ser. Nesse sentido, esta comunicação tem por fim apresentar a noção de que não há, no Sofista, um parricídio ontológico, mas sim uma ruptura com o eleatismo sob o ponto de vista estrutural.

Palavras-chave: Platão; Sofista; não-ser absoluto; ontologia; Parmênides.

11- Sócrates contra o Minotauro: um herói para a Academia

(Leonardo Guimarães da Costa - UnB)

Modalidade de preferência: on-line

A presente comunicação objetiva apresentar o diálogo Fédon de Platão como uma intencionada reencenação do mito de Teseu e o Minotauro. No diálogo, o relato de que a condenação de Sócrates fora atrasada pelo envio da delegação ateniense a Delos situa o último dia de vida do mestre junto ao calendário litúrgico em honra de deus Apolo. Platão associa, no diálogo, o contexto derradeiro da execução de Sócrates com o mito de Teseu, onde Teseu salva 14 jovens e a si mesmo do labirinto, derrotando o Minotauro. Nomeadamente, no diálogo aparecem 14 companheiros junto ao leito de morte de Sócrates, e para eles o mestre expõe sua

serena tranquilidade face à morte iminente, tentando-os persuadir acerca da imortalidade da alma. Assim, para Platão é fácil associar a Sócrates como o novo Teseu que salva os seus discípulos e a si das garras do monstro híbrido, que ora se apresenta como o medo da morte (Phd 77e), ora como a própria misologia (Phd 89d). Perante uma condenação injusta, evidente que Platão pensa a Sócrates como um novo herói que livra a si mesmo e aos outros dos perigos de uma vida não vivida em prol de uma boa morte, tampouco de uma vida da qual não se cuide do perigo da misologia. Para isso, um recorte sobre os trechos-chaves desta comunicação foram realizados, a saber: o anúncio do adiamento da execução de Sócrates devido peregrinação a Delos (Phd 58); o desmascaramento de Sócrates de que Simias e Cebes procuravam, no profundo dos dois primeiros argumentos sobre a imortalidade da alma, argumentos que os livrassem do medo da morte (Phd 77e); e por fim, a advertência de Sócrates sobre os perigos da aversão e da repulsa aos discursos, a qual chama de misologia (Phd 89d). Destes trechos específicos Platão vê-se inserida abscondidamente sua crítica ao processo de condenação de Sócrates colocando-o como o herói que livra seus discípulos e a si mesmo dos perigos temerosos.

12- As obscuras fronteiras conceituais entre desejo (ὄρεξις) e emoção (πάθος) na filosofia de Aristóteles

(João Gabriel Borges Ribeiro – USP)

Modalidade de preferência: presencial

palavras-chave: desejo, emoção, Aristóteles, psicologia, ética

Emoções e desejos: como se traça, no mapa conceitual de Aristóteles, a linha que demarca suas fronteiras? O que fundamenta a indiscernibilidade dessa zona limitrofe? Quais meandros turvam a compreensão de cada um dos conceitos, impedindo-nos, com isso, de localizar o critério responsável por distingui-los? O olhar ligeiro perde-se na margem: ambos são fenômenos da alma parcialmente racionais, parcialmente irracionais, estando relacionados com o movimento, com as formas de cognição e com os prazeres e as dores. Encontram-se no centro do mecanismo motivacional da ação humana e também da dos outros animais. São, por isso, noções necessárias para o estabelecimento de uma descrição adequada de cada uma das ações concretas e, por conseguinte, para justificar a avaliação moral. A neblina que torna opaco o limite entre os dois conceitos tem sua origem na própria vagueza existente na obra do filósofo a respeito do âmbito da alma cuja irracionalidade, por estar, de alguma forma, conectada à razão, tendo um comportamento reativo, de obediência ou rebeldia, em relação a ela, é apenas relativa. Não é, portanto, um âmbito irracional propriamente, no sentido de 'oposto à razão', mas sim não racional, no sentido de não possuir natureza racional. Tal âmbito, não sendo razão, ao mesmo tempo não está desconectado dela. São dimensões da alma que se comunicam entre si. Por pertencerem a ela, por partilharem tal natureza não racional, tratar-se-iam, então, emoções e desejos de conceitos sinônimos? Ou existe alguma diferença? A mais clara evidência textual que aponta para uma dificuldade concernente ao tópico consiste justamente nas listagens exemplificativas das πάθη. Nelas, chama a atenção do leitor a reincidente aparição, ainda que não em todas, de dois dos três tipos de desejo: a ἐπιθυμία e o θυμός. Conjuntamente às listas, a presença da terminologia desiderativa na definição da raiva da Rhetorica (ἔστω δὴ ὀργὴ ὄρεξις), além do vínculo de outras

das paixões analisadas (φιλεῖν, μῖσος, ἔχθρα, χάρις) com o desejo (Rosenbloom, 2017: pp. 1-2), também indica uma ambivalência entre emoções e desejos no seio da psicologia moral aristotélica. Sabemos, logo, que os dois conceitos encontram-se atados em uma sinuosa proximidade. A respeito da natureza desse laço, o filósofo silencia. Devemos indagar no que consiste tal relação. A primeira é a possibilidade de um dos conceitos abarcar o outro em uma relação do tipo gênero e espécie. Todavia, em tal hipótese, sequer fica explícito qual dos conceitos é o mais abrangente e qual deles o mais restrito. Outra leitura viável é, ambos pertencendo ao mesmo gênero, cada um constituir uma espécie distinta sem nenhuma relação hierárquica entre si. Mesmo nessa leitura, sobra uma pergunta: qual gênero é capaz de abarcá-los? Aristóteles não nos dá pistas. A flexibilidade no emprego dos termos e em mobilizar os conceitos de emoção e desejo deveria justificar ao menos um breve comentário sobre o tópico. A ausência do mesmo ou é causada pela precariedade na transmissão textual, ou então indica que o autor não considerava o ponto problemático. Sua naturalidade ao abordar cada um deles dá a entender que ele pensa que os conceitos psicológicos com que trabalha são tão transparentes para os seus interlocutores que a mera explicação de seus significados se faz supérflua (Rossi, 2018: pp. 177-178). Para nós, interlocutores separados por milênios, resta a investigação.

13 - Separação e unidade das virtudes nas Leis de Platão

(Izabella Tavares Simões Estelita – PUC-Rio)

Modalidade de preferência: on-line

Este trabalho tem como principal proposta analisar como uma certa prática de diaíresis é utilizada por Platão naquele que é o seu último e mais longo trabalho, as Leis. No intuito de efetuar essa análise, nosso ponto de partida será a constatação de que as Leis são um texto de natureza fundamentalmente política (na verdade, o texto mais político produzido por Platão, segundo alguns intérpretes), o que faz com que sua organização discursiva seja habitada, por assim dizer, por uma orientação decididamente prática e mesmo pragmática, que encontra sua expressão concreta no pormenorizado código legislativo elaborado em seu interior. Como explicaremos ao desenvolver nossa abordagem, isso significa que, nas Leis, há uma forte restrição das preocupações de caráter mais teórico, de modo que não devemos esperar encontrar nelas uma reflexão filosófica mais sistemática e aprofundada sobre os mecanismos lógicos do método da diaíresis, reflexão que se acompanharia de uma aplicação de tais mecanismos ao trabalho de definição de um objeto de pesquisa determinado, tal como acontecia no Sofista e no Político, por exemplo. Não obstante, pode-se dizer, porém, que em várias passagens das Leis Platão recorre à realização de distinções ou divisões entre termos, a fim de estabelecer esclarecimentos terminológicos e mesmo conceituais, evidenciando a possibilidade da existência de um certo uso da diaíresis nesse importante texto do Corpus platônico. É o que se observa, antes de mais nada, no emprego do verbo diáireo no diálogo, principalmente naquelas ocorrências em que tal verbo é aplicado em relação àquele que é um dos problemas mais fundamentais com que as Leis se confrontam, a saber: o problema concernente à unidade e à multiplicidade das virtudes. Como veremos no decorrer de nossa exposição, tal problema remete-nos à tarefa de compreender como se dá a unidade de um complexo de virtudes ou excelências que são inicialmente determinadas como elementos axiológicos

diferenciados uns dos outros. Explorando essa questão, tentaremos então esclarecer como as Leis procuram mostrar, em seu tratamento do problema das virtudes, que há, sim, uma diferenciação entre as virtudes e mesmo uma certa hierarquia entre elas, o que pressupõe uma separação entre os diferentes tipos de excelência, mas que, ao mesmo tempo, há algo de comum, segundo o ensinamento proposto por essa obra, que perpassa essas múltiplas virtudes e que possibilita a sua unificação num registro conceitual mais satisfatório.

Palavras-chave: Diaíresis, virtudes, Leis, Platão.

14 - Platão e a sintaxe da existência

(Priscila Alba da Silva – PUC-Rio)

Modalidade de preferência: presencial

O objetivo da comunicação será apresentar e discutir o passo 259e do diálogo Sofista, no qual a personagem do Estrangeiro de Eleia menciona a "συμπλοκην των ειδων (entrelaçamento/comunhão das formas)". Segundo a personagem, o λόγος é gerado em nós como resultado do entrelaçamento, o que implica uma marca indelével de não -ser na linguagem e no pensamento.

15 - A figura do impostor cômico no Hípias Maior

(Beatriz Saar – PPGLM/UFRJ)

Modalidade de preferência: presencial

A apresentação tem por objetivo principal esclarecer qual o papel desempenhado pelo sofista Hípias no diálogo Hípias Maior de Platão. Há, de fato, uma retratação caricatural do sofista. A análise histórica, reconstruída principalmente pelos estudos de Debra Nails (2002), apresenta-o como um grande sábio, matemático inovador, astrônomo, gramático, extremamente ligado às artes pictóricas e um dos maiores oradores de seu tempo. Dotado de uma memória prodigiosa, capaz de memorizar e citar todos os grandes homens e heróis das cidades, a história das colônias e das fundações das cidades, era pago, inclusive, para ensinar suas hábeis técnicas de memorização aos jovens. Evidentemente, Platão não ignora tal imagem do sofista, endossada por tantos escritores e, por isso, podemos afirmar que, embora Platão o satirize e o ironize reiteradamente ao longo do diálogo, isso não significa completa ausência de reconhecimento quanto às suas capacidades intelectuais. Na verdade, a discussão acerca do método de aprendizado do sofista, descrita em Hp. mai. 285c-286c, evidencia justamente o reconhecimento de Sócrates ante à sua polivalência intelectual. Pode-se questionar, portanto, o intento de Platão em trazer à tona essa capacidade intelectual, pois ela não é evidenciada reiteradamente de modo aleatório. Minha hipótese é que Platão o faz com objetivo de construir uma crítica aos que, assim como Hípias, tão somente “gravam” nomes e conceitos, mas que, quando questionados, demonstram nada compreender acerca deles ou não compreender de modo satisfatório. São eles os chamados “reputados sábios”, tal como apresentado na irônica passagem da Apologia, 19e. Essa crítica, comum, aliás, em diálogos como Eutífron, Laques, Górgias, entre outros, é dirigida principalmente aos que se julgam conhecedores de determinadas coisas (no caso de Hípias, de muitas coisas), mas que demonstram conhecer tais coisas de modo superficial e sem a devida consideração (Ap. 21c). Apesar dessa crítica, o fato de Hípias estar verdadeiramente conectado a um universo intelectual e artístico

permanece incólume. Assim, embora seu método pedagógico possa ser questionado e sua figura satirizada para fins dramáticos, ele ainda parece estar um passo à frente daqueles que simplesmente não se importam com tais questões. A esse respeito, Franco Trivigno (2016, p. 32) salienta que o propósito da caracterização cômica de Hípias não é gratuito, não se trata de apenas expor a ignorância estúpida do sofista, mas, ao fazê-lo, alertar aos leitores para não cometerem os mesmos erros e tornarem-se ridículos também. Ao longo dessa apresentação, demonstrarei que Hípias desempenha um papel bem específico no diálogo, a saber, o de ser um personagem cômico, identificando, então, a figura do sofista com a do impostor cômico ou ἄλαζών. A partir dessa atribuição, evidenciarei que o tratamento socrático, em suas diretrizes dramáticas, está longe de ser uma mera violência gratuita, como sugerem alguns autores, igualmente distante parece estar a tese de que Platão ignora a polivalência intelectual de Hípias. A crítica principal de Platão é a de que, apesar de toda a simpatia e beleza estética de Hípias, ele carece, e Platão deseja demarcar isso ao longo do diálogo, do que o tornaria genuinamente belo e bom, a saber, a virtude.

16 - Leôncio e o apetite pelo lamentoso: uma leitura "gore" da tripartição da alma em República IV

(Flora Mangini – PUC-Rio/Sorbonne)

Modalidade de preferência: presencial

Resumo: Nesta comunicação, argumentaremos que o debate em torno da relação com a morte é fundamental na análise da tripartição da alma. Por isso, organizaremos nossa investigação sobre um momento crítico da tripartição da alma no livro IV, a história de Leôncio, a partir do recurso a outras partes do diálogo (sobretudo livros X e III) que permitem um desdobramento em três aspectos: 1) a caracterização da lamentação como um objeto de desejo do "epithumetikon"; 2) o uso que as tragédias fazem do prazer derivado das lamentações; 3) o impacto que uma educação da relação com a morte baseada no prazer das lamentações tem no "thumoeides". Este desdobramento é fundamentado pela própria apresentação do "epithumetikon" no livro IV, em que "eros", fome e sede (τὸ δὲ ὤ ἐρᾷ τε καὶ πεινῇ καὶ διψῇ, 439d6-7) são listados como as primeiras manifestações desta das funções anímicas, mas são seguidas de outros desejos (περὶ τὰς ἄλλας ἐπιθυμίας, d7). Estes podem claramente abrigar exemplos não-fisiológicos desde que ligados a certas satisfações e prazeres (πληρώσεών τινων καὶ ἡδονῶν, d8). Sublinhar este ponto é importante sobretudo para nos permitir uma interpretação compreensiva da história de Leôncio. Pois, no lugar do recurso às motivações biológicas que acabamos de ver (fome, sede e "eros"), Sócrates mobiliza uma outra manifestação do "epithumetikon" na anedota. Trata-se de um caso particular e aparentemente conhecido - uma vez que Glauco diz já tê-la ouvido igualmente (440a4) - segundo o qual um personagem chamado Leôncio passa pelo lugar onde cadáveres que não tiveram direito às honras fúnebres são depositados, expostos até sua eventual decomposição, dispostos de maneira desonrosa. Em consonância com a investigação anterior deste trecho do livro IV, o tema em questão é a atração e repulsão simultâneas (ou seja, movimentos contrários) que a visão dos corpos

condenados produz em Leôncio, cuja luta psíquica culmina com uma explosão histriônica uma vez que ele sucumbe ao que percebe como uma tentação: o desejo de olhar para estes corpos. Mas qual é, exatamente, a motivação das partes de provocam a atração e a repulsão, segundo esta história? Embora a atração aparentemente estranha e mórbida de Leôncio pelos cadáveres tenha intrigado os estudiosos, eles geralmente presumem que ela é de natureza sexual, necrofílica. Algumas interpretações que fogem a este padrão são as de Cooper (1984, 9–11), que interpreta a atração de Leôncio como um tipo de excitação proibida (thrill) ou Craig (1996, 100-102), que segue uma linha parecida, sugerindo uma curiosidade mórbida. Mas todas estas interpretações apagam a relação entre o conflito psíquico e as propostas educativas que vemos Platão elaborar tão cuidadosamente ao longo do diálogo. Nesta comunicação, quero argumentar que reduzir Leôncio a um necrófilo ou a um curioso atenua esta passagem no que ela tem de mais audaz: a crítica à relação lamentosa com a morte, descrita no livro X como um apetite. O que serve como base para a crítica mais ampla à poesia cujas lamentações tornam as pessoas febris e moles (387b3-5). Em outras palavras, o espetáculo dos cadáveres em decomposição serve como imagem extrema daquilo que a poesia mimética tematiza (a relação lamentosa com a morte e as emoções que ela causa), substituindo o colorido das palavras (601a4) que os poetas usam pelo testemunho direto daquilo que nem os tragediógrafos ousavam colocar em cena, os cadáveres. *Palavras-chave:* República ; tripartição da alma ; tragédia ; luto ; "timé" ; "thumoeides" ; "epithumetikon"

17 - Reflexões sobre eirōneía literária e a ironia filosófica de Platão.

(Diego Dantas – PUC-Rio)

Modalidade de preferência: presencial

A hipótese central desta comunicação é que a entrada do adjetivo eirôn e cognatos na literatura platônica se daria por uma necessidade ou estratégia de se utilizar de um tom mais brando do que o encontrado em As Nuvens (449a), de Aristófanes, que indica que Sócrates seja um "dissimulado". Ainda assim, Platão não se privou de fazer alguns usos do eirôn e seus pares, resguardando essa noção estritamente negativa, porém, coincidentemente ou não, voltados para outros personagens e contextos que não envolvem diretamente a imagem de Sócrates, com seu método bastante peculiar de refutação. Inversamente, seu personagem é o acusador (Eutidemo, 302b3-4) ou observador do acusado (Crátilo, 384a1) e, em casos ainda mais emblemáticos, ele está completamente ausente do debate e, portanto, estaria isento de qualquer adjetivação pejorativa (Sofista, 268a7; 268b3; 268c8; Leis, 908e2). No entanto, os sofistas, estrangeiros ou outros indivíduos são chamados de eirôn, como enganadores e fingidos, dignos de desconfiança. Além da própria semântica ambígua da palavra eirōneía (ironia, na versão latina), que no dialeto ático pode ser "perguntar" ou "esconder", o contexto e a intertextualidade também auxiliam na identificação de casos nos quais o termo e seus pares estão relacionados à intenção única de ludibriar um interlocutor. Então, se há engano e trapaça como finalidade, não se pode dizer que sejam contribuintes para o empreendimento filosófico, pois, num ambiente meramente agonístico, em que se visa a vantagem pela desonestidade, não se pode desenvolver a amizade — philía — favorável para o cultivo da sabedoria — sophía. Por outro lado, embora o autor deixe bastante patente a nocividade da eirōneía no nível textual, não significa dizer

que ele não teria aproveitado do “escondimento” da mesma para, através das vozes de seus personagens, aduzir críticas contundentes à tradição e até mesmo estabelecer sua própria doutrina. Esse anonimato estratégico torna ainda mais árdua a tarefa de identificar e interpretar determinadas passagens (KAHN, 1997). Ainda assim, em momentos específicos nos diálogos, quando Platão denuncia alguma questão de espécie moral, política ou epistemológica, presume-se que seria através de uma ironia dramática (MUECKE, 1982) que ele estaria sugerindo o contrário, induzindo à reflexão sobre soluções racionais para temas como a educação, a linguagem, a sofística e mesmo as leis da pólis. Diante desse panorama, surge uma grande questão sobre as instâncias platônicas de eirôn e similares, viabilizando que os mais clássicos comentadores da eirōneia/ironia identificassem uma presumível mutação de sentido, passando do pejorativo ao apreciável, e até mesmo com uma abertura para o cômico, que teria sido promovida pelo próprio Platão (VLASTOS, 1991). Essa eventualidade abriu precedentes para uma série de interpretações, umas um tanto excessivas, outras que reivindicam a originalidade (LANE, 2011) e a sistematização de parâmetros para o que se pretende chamar de ironia socrática.

18 - A matriz cósmica: Um paradigma matemático no Timeu de Platão.

(Lorena Ferreira dos Santos – UnB)

Modalidade de preferência: on-line

Seria a matemática o elemento que ordena o caos do cosmos? Teria Platão intitulado um agente divino chamado de Demiurgo com a função de contemplar um arquétipo e feito isso, ordenar, harmonizar, instituir medida e proporção por meio da geometria e da matemática (53b-c)? Se utilizando da matemática como ferramenta fiável para uma representação do cosmos, que indícios perpassam no Timeu para essa investigação? Essa comunicação tem o intuito de analisar trechos do Timeu concatenando as perguntas elaboradas anteriormente. A partir do discurso verossímil traçado no Timeu que dispõe de uma engenhosa articulação que harmoniza aspectos pictóricos transpassando em uma sequência diegética, estaríamos autorizados a desenvolver que a matemática é um signo do imutável, a base da representação do arquétipo formulado pelo Demiurgo, dito isto, faz-se um exame no qual é na matemática que se encontra a base de organização do arquétipo perfeito, portanto o Demiurgo cria um mundo matemático, e que inevitavelmente nele está submetido as leis da matemática, é como, dito de outra forma, as leis da matemática impõe-se em sua criação.

19 - ARISTÓTELES E A MATEMÁTICA DO TEMPO

(Gabriel Moraes Dias de Souza – PUC-Rio)

Modalidade de preferência: presencial

O principal teor da comunicação a ser apresentada é o problema do ordenamento natural do tempo e o modo como ele próprio se realiza por entre as atividades ordenadas da natureza. Nos estudos físicos realizados por Aristóteles, a ideia de ordenação está associada àquilo que é, em particular, racionável, pois, nesse contexto, “toda ordem é um lógos” < τάξις δὲ πᾶσα λόγος. Por esse motivo, torna-se relevante o modo coordenado de a natureza realizar-se entre o processo do gerar e do degenerar como condição necessária para a temporalidade da vida.

Colocado assim, o problema da ontologia do tempo passa a exigir análise do contato ocorrente na ordem binária do movimento anterior e posterior a partir da continuidade do agora. Para além disso, há ainda a questão de o quanto os níveis de mudanças temporais na superfície daquilo que existe abrangem um autoadministrar de atividades e causas próprio a alguma organizada articulação natural. Essas serão, portanto, as discussões levantadas.

20 - A quem cabe o exame do monismo eleata em Física. I?

(Bruno Thiago Ramirez Cervo – PPGLM/UFRJ)

Modalidade de preferência: on-line

Em Física. I, Aristóteles busca estabelecer quais são os princípios mais gerais dos corpos naturais. Pois bem, entre os predecessores, a tese que mais ofereceu resistência a tal tarefa foi o monismo eleata. Basicamente, a filosofia de Parmênides propõe que somente o ser é e o não ser não é, concluindo a partir disso que não existe nem o movimento e nem a pluralidade de coisas. A partir disso, Aristóteles buscou refutar o monismo em vista da promoção de sua filosofia da natureza. Isso porque sem movimento e sem a existência de uma pluralidade de coisas a investigação sobre a natureza não seria possível, dentro dos pressupostos aristotélicos. Pois bem, o que iremos tratar nessa apresentação é: ao refutar o monismo eleata, em Física. I, Aristóteles estaria desenvolvendo uma "dialética" ou uma "filosofia primeira"? Cabe destacar que o próprio Aristóteles descarta a possibilidade dessa investigação ser pertinente ao filósofo da natureza em si mesmo. Contudo, ao descartar essa hipótese, o Estagirita não foi claro a respeito de quem caberia tal tarefa, suscitando assim o debate em que nos debruçaremos. Dessa forma, nossa meta é defender por meio da apresentação a posição menos comum entre os comentadores atuais, isto é, iremos propor que a refutação e investigação da teoria Eleata cabe ao filósofo que investiga o ser enquanto ser, ou seja, o "metafísico".

21 - Sobre a amizade em Homero

(Rhuan Quissak Félix – UFRRJ)

Modalidade de preferência: presencial

Resumo: Com essa apresentação pretende-se refletir sobre a possibilidade da amizade nos poemas homéricos. David Konstan, em seu livro "Friendship in the classical world" afirma que não existe amizade nos poemas de Homero, mesmo entre Aquiles e Pátroclo. Teodoro Rennó Assunção, por outro lado, em seu artigo intitulado "Recepção à mesa como signo de amizade na Odisseia", justifica essa possibilidade com a noção de xênia, ou seja, para ele, haveria uma estreita relação "entre phílos e xénos" (2010, p.2). De acordo com ele, a relação entre hospede e anfitrião estava marcada pela noção de convivência e reciprocidade. De convivência, pois o hóspede acabava fazendo as suas refeições junto ao anfitrião, e nesse interim, haveria muito diálogo, troca e demonstração de afeto. Quanto à reciprocidade, esta era demonstrada pela noção de sýmbolon. Nesse caso, o hóspede se comprometia com a reciprocidade de favores concedidos pelo anfitrião. Assim, o objetivo dessa apresentação, será refletir sobre a possibilidade da amizade em Homero, principalmente a partir da noção de xênia.

22 - O PROBLEMA DA UNIDADE DO PRINCÍPIO: O UNO EM PLOTINO FRENTE ÀS APORIAS DAS RELAÇÕES DE CAUSALIDADE NO PARMÊNIDES DE PLATÃO

(Deysielle Chagas – PUC-Rio)

Modalidade de preferência: on-line

Este trabalho tem por objetivo analisar de que maneira a noção de Uno, como unidade radical e primeiro princípio do sistema filosófico plotiniano, escapa às aporias derivadas das relações de causalidade entre Formas e objetos sensíveis apresentadas na primeira parte do Parmênides (127b – 137c) de Platão. Para tanto, buscaremos primeiramente identificar a importância do diálogo Parmênides e de seu caráter autocrítico para o corpus platonicum e, a partir daí, compreender como as Formas são apresentadas enquanto princípios unitários neste diálogo. Em seguida, investigaremos de que modo esta concepção de unidade dos princípios-Formas resulta nas aporias da primeira parte do diálogo, especificamente 1) da impossibilidade de relação de causalidade entre Formas e objetos sensíveis e 2) do argumento do “terceiro homem”. Ambas as aporias estão atreladas ao problema da relação de causalidade – apresentada por meio dos modelos de participação, pensamento e paradigma – entre um princípio compreendido enquanto uma unidade separada (autò kath'autò) e uma realidade múltipla. No fim, a questão deixada em aberto nesta parte do diálogo é: como um princípio unitário pode gerar uma multiplicidade sem perder este seu próprio caráter unitário? Isto configurar-se-á como uma herança platônica do problema da unidade dos princípios manifesto por meio destas aporias presentes na primeira parte do diálogo, da qual a doutrina plotiniana do Uno, além de estar assentada na segunda parte do Parmênides como tradicionalmente se interpreta, também busca escapar. É com vista nesta questão que analisaremos, a partir do Uno, a concepção plotiniana de emanção ou de sua teoria da dupla atividade, presente mais claramente no tratado V 4 [7]. Plotino estabelece este outro modelo de causalidade que, como veremos, escapa das dificuldades resultantes dos modelos presentes no Parmênides. Juntamente com esta teoria, exporemos a concepção de distinção de semelhança entre causa e ser causado, apresentada brevemente por Plotino no tratado I 2 [19]. Nele, Plotino apresenta uma concepção distinta de semelhança que romperia com o argumento do terceiro homem: aquela que faz referência ao seu princípio gerador, mas não se identifica com ele. Com estas duas concepções, a da teoria da dupla atividade/emanção e a da distinção de semelhança, Plotino preservaria a unidade radical e a absoluta transcendência de seu primeiro princípio: o Uno.

Palavras-chaves: Plotino. Uno. Princípio-unitário. Causalidade. Platão.

23 - A percepção da luz (φάος) e da noite (νυκτὸς) no poema de Parmênides

(Viviane Veloso – PPGF/UFRJ)

Modalidade de preferência: presencial

Nos fragmentos DK 28 B 8, 53-60 e DK 28 B 9, Parmênides alude explicitamente a dois princípios opostos: luz (φάος) e noite (νυκτὸς). Em outros trechos de seu poema, como em DK 28 B10, B11, B12, B 14, B 15 e B 19, a dicotomia entre ambas se manifestará de forma complementar às constatações válidas que, operadas pelo mortal através do emprego dos sentidos, o encaminham corretamente em seu

desvelamento da realidade como um todo. Por anos a fio, comentadores especialistas nos estudos dos pré-socráticos empreenderam discussões a respeito deste procedimento desenvolvido por Parmênides. Por que o eleata se ocupa de analisar a luz e a noite como dois princípios básicos, associando à primeira leveza e suavidade e à segunda densidade e peso, se em DK 28 B 8, 3-7, bem como nos versos seguintes, o filósofo descreve o ser como contínuo, uno, todo inteiro, inabalável, ingênito e imperecível? Haveria lugar em seu poema para o reporte a dois elementos quando, em linhas gerais, a tradição imputou a Parmênides um monismo ontológico rigoroso, de caráter principalmente numérico, segundo o qual apenas um ser seria passível de ser apreendido? O presente trabalho se concentrará em apresentar as perspectivas de Rose Cherubin (CHERUBIN, 2005) e Daniel Graham (GRAHAM, 2020) a este respeito, indicando tanto que luz e noite são conceitos basilares na filosofia parmenidiana, sobretudo no que tange à sua física cosmológica, quanto que as duas propriedades atuam de maneira medular no interior do poema de Parmênides ao parecerem integrar arrazoados veiculados pelo filósofo em alguns versos esparsos, como em DK 28 B5; B8, 34; e B8,39 - 42. Nestes últimos, pode-se identificar que, assim como luz e noite sucedem-se no plano celeste, também competiria ao mortal explorar os objetos do plano sensível nestes dois períodos ao longo de sua jornada, traçando-a através de um percurso de ida e volta, de modo a tornar mais aquilatada sua análise e de maneira que os diferentes nomes que ele veicula para denominar cada coisa sejam mais do que palavras alternantes mas, com efeito, constituam pensamentos que elucidam plausivelmente o que é.

Palavras-chave: luz; noite; cosmologia; caminho; Parmênides.

Referências Bibliográficas

GRAHAM, Daniel W. The Metaphysics of Parmenides' Doxa and its Influence. Vol. 14, nº 28. Rio de Janeiro: Anais de Filosofia Clássica, 2020.

CHERUBIN, Rose. Light, Night and the Opinions of Mortals: Parmenides B8 51-61 and B9. Volume 25, Issue 1. Mathesis Publications, Ancient Philosophy, 2005.

24 - ESCREVO, PORQUE ESQUEÇO DE QUEM SOMOS: AUTOCONHECIMENTO E ESCRITA EM PLATÃO, POR DERRIDA

(Felipe Ayres – PPGLM/UFRJ)

Modalidade de preferência: presencial

Nesta comunicação, apresentarei uma leitura do problema do autoconhecimento no "Fedro" de Platão, a partir da leitura que Derrida faz do problema da escrita no mesmo diálogo. Argumentarei, assim, que, a despeito do que defendeu Derrida, a escrita e a identidade em Platão são pensadas a partir da diferença ou da alteridade, em vez de rechaçá-las. Estruturarei esta comunicação em quatro momentos. De início, chamarei atenção para a introdução do problema do autoconhecimento no "Fedro" (228a5-6, 229e5-30a6), e como ela, por um lado, entrelaça identidade e alteridade, para depois, aparentemente, separá-las. Em seguida, reconstruirei uma parte da chamada "palinódia socrática" (243e5-57b2), chamando atenção para a importância do outro para recuperação da memória de si mesmo e dos objetos de

conhecimento. Depois disso, tecerei um paralelo entre esse recorte da palinódia e o mito da invenção da escrita (274c5-5c2) no final do diálogo, mostrando como, a despeito de uma aparente contraposição entre escrita na alma e escrita fora da alma (em que esta seria cópia ou simulacro daquela), o que o "Fedro" faz, é, na verdade, à maneira do próprio Derrida, milênios depois, estabelecer a primazia da escrita sobre a oralidade.

Palavras-chave: Autoconhecimento. Derrida. Escrita. Fedro. Platão.

25 - A leitura de Thomas Alexander Szlezák sobre a crítica da escrita no Fedro (Pedro Gabriel Rezende – UERJ)

Modalidade de preferência: presencial

O propósito desta comunicação é mostrar como a leitura efetuada por Thomas Alexander Szlezák acerca da crítica da escrita no fim do Fedro responde dois dos pressupostos fundamentais da Escola de Tübingen, a saber, a existência de princípios mais fundamentais da ontologia platônica – dos quais temos testemunho em Metafísica A, 6 – e o problema da famosa Aula sobre o Bem – da qual temos testemunho nos Elementa Harmonica de Aristoxeno. Antes disso, contudo, é preciso apresentar rapidamente a necessidade do trabalho de Szlezák no interior da Escola de Tübingen. Deste modo, apresentaremos, em primeiro lugar, de maneira muito breve, algumas tendências teóricas do século XX advindas da interdisciplinaridade com outros estudos (como a teoria Parry-Lord e a Escola de Toronto), que não resolvem o problema que tinha a Escola de Tübingen até então, qual seja, uma chave hermenêutica provinda dos próprios diálogos que tornasse possível uma leitura esotérica a nível literário dos textos platônicos. Por fim, apresentaremos uma leitura comentada da interpretação de Szlezák, mostrando como o autor desenvolve, em sua leitura literária do final do Fedro, aqueles pressupostos fundamentais da Escola de Tübingen.